

Lur Sotuela

ESCRITA MALDITA



Tradução -
Carlos Quiroga

FARIASILVA

Rio de Janeiro, 2023

Sumário

Escrita Maldita	7
Antologia imaginária de marginais, heterodoxos e malditos	
Ájax de Beócia, guerreiro	9
Ígnea Brug, longeva	17
Olivier Costa, canibal	25
Robert Louis Chaville, professor	31
Oliveiro da Fuoco, marinheiro	37
Guillaume de Frocsite, jardineiro	43
Otto Dunkel, nazi	49
Curtis Floyd, pugilista	55
Katherine le Grass, bruxa	61
Leopold Johnnson, o exato	69
Maria Elisa Júcar, guerrilheira	75
Kassius Koltz, efêmero	81
Vladik Kospèk, assassino	87
Larry Kulpek, viajero	91
Connor Mac Lury, lobisomem	97
Paris Morel, namorado	103
Gilberto Nuno das Rosas, ocultista	109
Alice Ouvert, desaparecida	117
Amund Robertsson, o urso	125
Ulrike Walden, freira	131
Sebastian Wolga, o mau suicida	137

ESCRITA MALDITA

ANTOLOGIA IMAGINÁRIA DE MARGINAIS,
HETERODOXOS E MALDITOS

Pereço desculpas ao leitor desta obra se início esta breve introdução à antologia da literatura maldita, essa literatura escrita às margens da história e da criatividade humana, com uma vaga lembrança que navega indecisa pela minha memória, e que, sem dúvida, constitui a origem deste livro.

Devo me entremear por essa névoa escura até à minha infância; para os anos azuis e perdidos em que descobri o fascinante mundo dos livros e mergulhei na recheada biblioteca familiar, tentando encontrar mundos que fossem capazes de me explicar aquele em que eu habitava.

Em uma tarde de inverno, enquanto a luz esmaecia, o meu pai me falou, num tom de devaneio, dos heterodoxos, dos marginais, daqueles autores que percebiam a realidade de maneira única e pessoal. Ofereceu-me, apontando com certa apreensão, algumas obras, e aquelas primeiras leituras, aqueles mundos alheios e imperfeitos, explodiram em mim como uma noite em chamas, agitando-me como a tempestade em uma flor. Esses livros foram os que moldaram o meu amor pela literatura, amor que segue a transitar a minha profissão e a minha vocação.

Um amigo, a quem quero agradecer nesta introdução pelo tempo que me emprestou, convidou-me a falar na rádio sobre escritores que foram indispensáveis na minha jornada literária, sobre os poetas e autores que deixaram marcas em mim como criador. Decidi, então, escrever, para aquele espaço radiofônico, uma série de perfis dos autores que considerava essenciais e que se achavam muito longe dessas leituras impostas pelo cânone, gerando um *corpus* único de malditos, heterodoxos e marginais. Investiguei até descobrir aqueles que se encontravam perdidos em seus mundos; ao achá-los, uma luz escura iluminou este trabalho. Os escritores tiveram o seu momento nas ondas do rádio, e decidi trazê-los, mais tarde, para estas páginas.

Aviso ao leitor de que não enfrenta um livro típico, um texto canônico, já que não é nem um romance, nem um livro de relatos, nem uma obra lírica; tampouco um ensaio. É tudo isso e algo mais. Esta “maldição da escrita” constitui uma profunda vivência literária, com conotações de ficção e de realidade, que se entrelaçam poderosamente para cristalizar numa leitura cheia de poesia, humanidade e liberdade. Transitam, deste modo, pelas suas páginas, dispostos a se comover, a compreender, rir, sonhar, porque isso, definitivamente, maldita ou não, é a literatura.

ÁJAX DE BEÓCIA, GUERREIRO

Numa poeirenta urna do Museu Arqueológico da cidade de Calamata¹ descansam os oxidados fragmentos de Escarlata, a espada de Ajax de Beócia, e, ao lado dela, algumas folhas originais e inevitavelmente amarrotadas pela passagem do tempo das suas incomparáveis *Éclogas de Cylene*, obra que, a nosso juízo, contém alguns dos mais insignes versos da literatura ocidental. Passaram mais de dois mil anos desde que quebrara a sua espada e o sangue do herói umedecera a terra.

Há referências que apontam o lugar e a hora da sua morte, as suas façanhas e a sua ascensão política, mas ninguém conhece a sua origem; não existem dados acerca do seu nascimento ou de sua família, e, pelas suas palavras e poesia, dizia-se que era um pequeno deus, já que ele afirmava ser filho de si próprio e ter vindo à luz pela vez primeira num campo de batalha. Ignora-se também de que maneira adquiriu os conhecimentos que lhe permitiram redigir um livro tão à frente à sua época. E, acima de tudo, também pertence ao mundo do irresolúvel a identidade da bela e misteriosa Cylene, e que relação mantinha com o guerreiro.

O historiador helênico Cláudio Flópio, no seu extenso tratado *História natural do homem*, descreve-o com brevidade

como uma das mais ferozes criaturas das que se tem informação, um militar terrível e impiedoso, ao tempo que como autor de alguns dos poemas mais doces, elevados e perfeitos da sua época. Ájax era um mercenário sem facção nem bandeira. Batalhou sob o sol da África, tingiu o mar Mediterrâneo com o sangue dos seus inimigos, mas onde a sua carreira castrense e literária atingiu maior transcendência foi nas chamadas Guerras do Peloponeso.

Em poucas semanas mergulhando na Biblioteca Nacional de Israel, em Jerusalém, achei numa raridade bibliográfica intitulada *As folhas do tempo*, o relato de uma pequena mas cruenta escaramuça ou breve batalha quase desconhecida, que enfrentava atenienses e espartanos no mais profundo despenhadeiro. Nas suas páginas, como soube mais tarde, consideradas por certos historiadores como uma grosseira ficção, em que o protagonista é o poeta a quem dedico este retrato, pode-se apreciar a ferocidade bélica que Ájax desempenhava nos combates. Transcrevo a seguir algumas frases do tão épico texto; mais, sem dúvida, uma epopeia ou uma lenda do que uma rigorosa passagem histórica, que a nosso juízo parece exprimir a personalidade da excepcional personagem:

O bosque outonal era muda testemunha da contenda. Espadas espetadas na terra, soldados estendidos em charcos de sangue; o rosnido selvagem de homens lutando contra homens, os gritos de medo e ferocidade pairando no silêncio. Ájax de Beócia e os seus guerreiros eram ultrapassados em número pelos espartanos. Uma dúzia de atenienses acompanhava na batalha o bravo Ájax. Numa pedregosa lomba governada por

uma monumental faia, Ájax resistia, sem se render, ao violento ataque dos seus inimigos. Quando tudo parecia perdido, Escarlata, a imensa espada do nosso herói, brilhou, escura, no momento em que o nosso protagonista entrou num estado de total frenesi. Arremeteu contra os espartanos de peito descoberto, apenas com sua espada. A velocidade e a selvageria da sua embatida desconcertou os seus adversários, que caíram, sob Escarlata, como trigo debaixo da gadanha. Ájax se ergueu entre as espadas e lanças enquanto segredava entre os seus formosos lábios algum sortilégio ou poema desconhecido. Naquela tarde, o herói sem pátria acrescentou outra glória à sua lenda e uma vitória para os atenienses.

É possível que no poema quinto das suas *Éclogas* glose este combate. Nele, de maneira metafórica, o herói grego enfrenta sozinho um grande grupo de inimigos. A força expressiva, inconscientemente vanguardista, não é meramente superficial, mas escava com suas palavras no mistério de ser homem. É um dos seus poemas mais extensos, pelo que extraio neste fragmento que de alguma maneira nos leva à reflexão que encontrei no misterioso incunábulo, e ao que antes temos aludido, intitulado *As folhas do tempo*:

(...)

*A luz não chegava a afagar-me os olhos
e uma fragrância sombria silenciava o bosque.
A noite brilhava em cada espada,
e eu, algemado de espanto e desamparo,
esperava outro mundo, outro mundo inalcançável.
Senti então fogo nas mãos,
era Escarlata,*

que sussurrava o meu nome. Oh, Cylene,
sussurrava o teu também.

Então, na sombra e na aurora
fui final e princípio, tudo e nada,
para acabar com eles, com todos eles,
para, finalmente, acabar comigo.

Ájax de Beócia, apesar de ter legado à posteridade unicamente um livro inacabado, que consta de 38 poemas, alguns deles de final abrupto e sem dúvida incompleto, forma parte desta antologia de escritores malditos por direito próprio, já que poderia ser considerada uma figura fundacional da poesia moderna, um visionário, dada a originalidade e profundidade de uma obra única e intensa.

Esquecido durante séculos, considerado um poeta menor, devido especialmente à incapacidade de compreender por parte da crítica a profundidade da sua lírica, não foi até o ano 1870, quando o poeta e escritor Lázaro Guilote, apoiado pelo impressor Tobias Kastasse, publicou de novo a sua obra em Ediciones Cuernavaca, a mítica casa editorial que ambos dirigiam e que se dedicou fundamentalmente a recuperar joias similares às *Éclogas de Cylene* do cruel esquecimento do tempo. O imenso amor que Lázaro Guilote professava à poesia de Ájax de Beócia se vê refletido de modo patente num ensaio sobre poesia elevada, como intitulou o seu texto, publicado na revista literária *Le Punt en Blanch*, em maio de 1898, do que oferecemos ao leitor um breve fragmento:

Nada me deixou mais admirado na vida, mais abissalmente maravilhado, que a leitura das *Éclogas de*

Cylene, de Ájax de Beócia. Marcou profundamente as minhas leituras posteriores e volto a elas regularmente, buscando nos seus versos algum remédio, um bálsamo para este costume que tem o meu coração de latejar. Apesar da variedade métrica, claramente adiantada ao seu tempo, apreciamos na arquitetura lírica que Ájax constrói no seu livro de poemas um tom de beligerante materialismo, uns pilares que se assentam num cínico existencialismo e uma busca linguística e expressiva que profana o seu tempo e espaço poéticos. É, sem dúvida, o grande poeta da sua época, o grande desconhecido da poesia universal. É, simplesmente, Ájax de Beócia.

O guerreiro nunca se considerou a si próprio um homem de letras nem perseguiu a glória literária, escrevendo nas margens da história, buscando o conhecimento na idealizada *Cylene*, que ao nosso entender representa a resposta às angústias vitais que atormentam o ser humano. *Éclogas de Cylene* está composto por hinos de diferentes extensões e temáticas, que transitam entre o poema amoroso e o de temática falsamente épica, tudo isso conjugado com um tom de especulação metafísica. A obra gravita em volta de uma série de provas e batalhas singulares que Ájax terá de enfrentar, de maneira similar a Ulisses, para conseguir o favor de *Cylene*,² a figura distante e sublimada da pessoa amada, do ideal vital e filosófico que cura as feridas e outorga felicidade ao homem.³

Traído pelos seus camaradas, Ájax caiu numa cilada quando participava de uma caçada. A sua morte, apesar da coragem com que o guerreiro se lançou à batalha, foi irremediável. Escarlata, a sua espada, foi aquela mesma noite

quebrada em centenas de pedaços. Como símbolo também da aniquilação da figura do herói. Conta a lenda, que como todas as fábulas não deixa de ser improvável, mas que resulta profundamente formosa, que, moribundo, e antes de fechar os olhos pela última vez, sussurrou os versos finais do poema número 27 do seu cancionero, aquele que diz:

(...)

*Escarlata, espada minha, a tua forma furiosa
descansará da luta algum dia,
e sobre esses pedaços habitarão os meus sonhos.
E tu, Cylene, oh, Cylene,
formosa e inalcançável,
submergirás então
a palavra na luz
para arrastar-me à noite,
completamente humano, à noite.*

AMOSTRA

NOTAS

¹ Calamata, ou Kalamata, é a capital de Messênia, na periferia do Peloponeso. Na atualidade conta com 60 mil habitantes.

² A figura de Cylene é profundamente metafórica e tem originado uma grande controvérsia por parte da crítica.

³ Não há dados verazes sobre o momento e o lugar da morte de Ájax de Beócia, e toda a informação reunida para este perfil provém de canções e lendas.

BIBLIOGRAFIA

Élogos de Cylene, Ájax de Beócia, Lázaro Guilote (ed.), Edições Cuernavaca, 1870.

História natural do homem, Cláudio Flópio, Edições clássicas, 1921.

As folhas do tempo, incunábulo. Anônimo.

ÍGNEA BRUG, LONGEVA

O tempo não está na paisagem, não vibra no horizonte; existe unicamente na olhada, mas nos prende desde lá, devora-nos, prende-nos, e decidimos com perseverança sonhar o instante, contar o tempo. Se aprendêssemos a esquecer a passagem dos ciclos, viveríamos mais, seríamos criaturas mais completas. Se hoje, agora, enquanto lê estas frases, pudesses escapar do tempo e estivesse simplesmente no mundo, a vida teria mais sentido. Eu fiz isso, e esta é a minha história.

Este fragmento pertence a principal obra de Ígnea Brug, intitulado *Perdido no tempo*. Nele, o seu protagonista, Eliseu de Flambert, descobre por acaso o segredo da imortalidade, e, após alcançá-la, atravessa a história, vivendo diversas aventuras pelas diferentes épocas, meditando, com um tom místico, mas poderosamente humano, sobre o homem e a sua transformação no decorrer dos séculos. A história da autora não é menos misteriosa que a do protagonista da sua obra. Lenda que viveu demasiados anos para um ser humano; desconhecemos a veracidade desta afirmação, mas certo e inquestionável é que a sua carreira, ou pelo menos os livros assinados por Ígnea, estendem-se por mais de cento e cinquenta anos.¹

Ígnea Brug nasceu em Buenos Aires, no dia 4 de março de 1810, numa família de comerciantes judeus originários da Polônia. Eram cinco irmãs, e aparentemente Ígnea era a mais enérgica, como o seu nome fazia pressagiar, a mais bela, e também a mais triste. Juan Carlos Bayón, pseudônimo de Ígnea Brug, publica o seu primeiro poema no número 39 da revista *Harmonías*, no ano de 1829. Adverte-se nele uma acendrada maturidade estilística, apesar de que a nossa protagonista não chegava aos 20 anos quando escreveu estes etéreos versos.

*Como ígneos emissários brilham
de esmeralda os teus olhos,
e eu ardo neles sem tempo,
tão triste como sozinha,
até que cheguem os teus lábios
a nomear o instante de fogo,
o ansiado relâmpago do sonho.*

Alentada, segundo se afirma, pelo seu progenitor, para perseverar na arte e na literatura, antes de completar 25 anos publica dois romances com o pseudônimo de Bayón: *O sentido da peônia*, e a muito recomendável *Areia entre os dedos*. A crítica portenha saúda com satisfação as suas ficções e a elogia como uma das promessas nacionais do século XIX, ainda sem saber que quem escrevia era uma mulher. Segundo uma das maiores especialistas na sua obra, a professora Juliet Vipree, Ígnea, farta de viver enclausurada numa sociedade opressiva, após a morte dos seus pais, muda-se para Paris em busca de uma linguagem própria e de novas vivências na cidade-luz. Lá frequenta os círculos artísticos e publica um par de antologias poéticas, que a meu ver têm pouca re-

levância. Casa com o pintor e escritor Pierre Foucard, com quem mantém uma apaixonada e turbulenta relação. A tuberculose mata o seu marido dez anos depois do casamento, e Ígnea, então, renuncia à vida social da capital francesa e some no esquecimento. Reaparece três décadas depois, com a bem-sucedida publicação do seu original romance, ao que já aludimos, *Perdido no tempo*. A repercussão que consegue com ele impele-a a se dedicar ao teatro. Dos seus sete dramas teatralizados, destaca *O amor da tia Inês*, que prefigura o teatro do absurdo. Casa-se novamente, desta vez com um fabricante de sapatos, com quem tem uma filha. Se era filha natural ou adotada, ignora-se, pois então Ígnea devia ter cerca de 80 anos. A lenda da sua longevidade começa a se forjar por aquela época. Gladys Courrier, a reputada editora, narra assim o seu primeiro encontro com Ígnea em sua interessante biografia, *Tinta vermelha: a correção de uma vida*.

Conheci Ígnea Brug no ano 1889, quando preparávamos a publicação do seu esplêndido romance *A guerra aberta*. Era proverbial nos ambientes intelectuais o seu aspecto viçoso e juvenil, mas ao vê-la tive uma grande surpresa. Não era possível que aquela mulher tivesse 72 anos. Na minha opinião, não aparentava mais de 40; era realmente assombroso. Uma década mais tarde voltamos a nos ver, e naquela ocasião pensei que tinha enfeitado a passagem das horas, que tinha parado, com algum estranho feitiço, o tempo com o intenso poder do seu olhar.

Sobreviveu ao seu segundo marido e desapareceu de cena. Ninguém teve notícias sobre seu falecimento, mas